

## Um pouco da medicina na *Naturalis Historia* de Plínio, o Velho

Priscila Cristina Bizário<sup>1</sup>

RESUMO: Este escrito tem o objetivo de mostrar um pouco do conhecimento de medicina que já era sabido na época de Plínio, com base na pesquisa realizada em âmbito de iniciação científica, intitulada *Tópicos de cultura clássica latina: confluências entre o De Re Coquinaria, de Apício, e a Naturalis Historia, de Plínio*. Essa pesquisa baseia-se no *cópus* dos 37 livros da *Naturalis historia*, de Plínio, o velho, da qual são traduzidos trechos de acordo com um vocabulário especificado, presente na obra culinária de Apício.

Palavras chave: Cultura Latina; Léxico; Referente; Antiguidades Latinas; *Naturalis Historia* (NH).

Quando, nos dias de hoje, alguém fica doente, busca-se socorro em algum lugar que tenha totais condições, tanto técnicas, quanto higiênicas, de atender o paciente da melhor maneira possível e curá-lo de sua doença. Da mesma forma, quando se tem fome, busca-se o melhor sabor, produzido com o máximo de higiene.

Observando tais comportamentos, é pertinente indagar como tudo isso era aplicado nos tempos passados, sobretudo em se tratando da Roma Antiga, tão recuada no espaço e no tempo: como se tratavam as doenças? Esperava-se pela vontade divina? As comidas eram boas? Como se operava um tratamento médico? Como eram os locais onde se comia?

A *Naturalis historia*, de Plínio, o velho, dentre seus inúmeros assuntos, faz referência a alguns desses temas, sobretudo quando trata dos usos medicinais e, às vezes, culinários, de produtos vegetais e animais. Ao longo de seus 37 livros, tal obra trata, nos livros XX a XXVII, das propriedades medicinais das plantas, e nos volumes XXVIII a XXXII, de diversos usos medicinais de produtos de origem animal. Quando aborda o mundo vegetal, o autor descreve espécies de plantas, mencionando sua utilidade como remédios para diversos males. Dessa forma, as descrições de Plínio, o velho, fornecem um

---

<sup>1</sup> E-mail: [priscila.2303@hotmail.com](mailto:priscila.2303@hotmail.com).

bom relato das noções de medicina que se tinha na época da Roma antiga de seu tempo, século I d. C.

Parte da obra de Plínio compõe um panorama geral dos usos medicinais mais frequentes das plantas, de suas funções e do que seria bom para cada tipo de enfermidade. Surpreende também pelo conhecimento de doenças existentes até os dias de hoje e por dar os mais simples tratamentos possíveis, de maneira natural.

Na obra de Plínio, o Velho, percebe-se serem frequentes as receitas para estimular e reter a menstruação, a lactação e a fertilidade, assim como referências a médicos famosos, tanto gregos quanto de outras nacionalidades, procedimentos contra prisão de ventre e medicamentos contra venenos, sejam eles de origem animal ou vegetal.

É interessante notar o conhecimento que já se tinha de doenças e problemas de saúde desde muito tempo antes de Cristo, uma vez que, no século I d.C., tais conhecimentos já estavam registrados, bem como perceber que elas já eram referidas por nomes técnicos. A *Naturalis historia* faz referências ao conhecimento de cálculos renais, hidropsia<sup>2</sup>, angina<sup>3</sup>, letargia<sup>4</sup>, bolhas negras<sup>5</sup>, artrite, epilepsia, gota, asma, pitiríase<sup>6</sup>, estrangúria<sup>7</sup> e hidrofobia (ou raiva), por exemplo.

---

<sup>2</sup> Hidropsia: caracterizada pelo acúmulo anormal de líquidos nos tecidos ou em determinadas cavidades do corpo (cf. disponível em <<http://www.tuasaude.com/hidropsia-retencao-hidrica/>>).

<sup>3</sup> Angina: “forte dor no tórax, que pode irradiar-se para o braço esquerdo, provocada por circulação sanguínea deficiente, e consequente pouca oxigenação do miocárdio, geralmente resultante de doença coronariana” (cf. *angina*, em AULETE Eletrônico, Acesso em 26 fev. 2013).

<sup>4</sup> Letargia: “estado de prostração patológico, semelhante a um sono profundo, do qual o paciente só desperta com muita dificuldade e por breves períodos” (cf. *letárgico*, AULETE, Acesso em 26 fev. 2013).

<sup>5</sup> Bolhas negras: doença endêmica da Gália Narbonesa (cf. PLÍNIO SECONDO, 1982, v. III-b, nota 16.1, p. 367).

<sup>6</sup> Pitiríase: “designação comum a diversas dermatoses, caracterizadas pela produção de escamas que se esfarelam” (cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio eletrônico, 2004).

<sup>7</sup> Estrangúria: “eliminação urinária vagarosa e acompanhada de dor, devido a espasmo da uretra ou da bexiga” (cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio eletrônico, 2004).

No âmbito da pesquisa, na qual foram estudadas ocorrências de plantas que serviam como ingredientes culinários, presentes na obra de Apício, foram encontrados e traduzidos trechos que tratam desse tema, como se pode constatar do elenco de passagens reproduzido a seguir<sup>8</sup>:

*Asclepiadis schola ad colorem quoque validum profici hoc cibo et, si ieiuni cotidie edant, firmitatem valetudinis custodiri, stomacho utile<s> esse spiritus agitatione, ventrem mollire, haemorrhoidas ape<ri>re subditas pro balanis; sucum cum suco feniculi contra incipientes hy<d>ropis<e>s mire proficere, item contra anginas <cum> rutae et melle; excitari e<o>dem lethargicos. (Livro 20, parágrafo 43, linha 3)<sup>9</sup>*

Segundo a escola de Asclepiades<sup>10</sup>, com este alimento [cebola], pode-se também obter uma cor saudável e, se o comerem diariamente em jejum, pode-se assim manter uma boa condição de saúde; [diz-se também] que é útil ao estômago, estimulando seu funcionamento, e que solta o intestino; que abre as hemorroidas quando subministradas em supositórios; que seu suco, juntamente com o do funcho, combate com maravilhosa eficácia a catarata em estado inicial e também a angina, quando misturado ao [suco] da arruda e mel; e, usado da mesma forma, que estimula os letárgicos.

Notam-se, no texto original, os termos latinos para as doenças mencionadas: *hypochyses*, *angina* e *lethargicus* (aqui, no nominativo singular). É curioso notar que os termos usados pelos antigos para designar tais doenças não se alterou significativamente até os nossos dias.

É ainda interessante notar o modo como tais males eram tratados: na concepção dos antigos, apenas a ingestão da cebola, tão comumente e difusamente utilizada na culinária

---

<sup>8</sup> Todas as menções à *Naturalis historia* seguirão a edição italiana de Alessandro Barchiesi, Roberto Centi, Mauro Corsaro, Arnaldo Marcone e Giuliano Ranucci, que tomam por base a edição comentada do francês Jean Hardouin.

<sup>9</sup> PLINIO SECONDO, 1982, v. III-b, p. 30.

<sup>10</sup> Asclepiades: célebre médico da Bitúnia. (cf. *Asclepiades*, em FARIA, 1994, p. 63). Não se sabe de qual de seus numerosos escritos se trata o argumento em questão. (cf. PLINIO SECONDO, 1982, v III-b, nota 43.2, p. 31).

nos nossos dias, era capaz de curar aqueles que padeciam de hidropisia e angina, e de levantar até os prostrados por doença.

Assim, segundo esse registro, os complexos tratamentos e medicamentos de hoje poderiam ser substituídos facilmente pela cebola, um ingrediente totalmente natural e sem efeitos colaterais, associada a diversos outros ingredientes. Por outro lado, além de tratar as doenças mencionadas, esse bulbo mostra-se ainda eficaz em prevenir outros males, conferir um aspecto saudável à pessoa e tratar desconfortos estomacais e hemorroidas.

Mas a obra de Plínio não mostra apenas termos técnicos ou tratamentos o mais simples possíveis, se pensados em comparação com a medicina que temos hoje. São inúmeras também às referências aos médicos da época e às tradições no tratamento das mais diversas doenças, além de serem frequentes as menções a hábitos de saúde herdados da civilização grega:

*Dieuches et ad lumborum dolores suco usus est, semen hydropicis et coeliacis dedit tritum cum menta, Euenor radicem et ad renes. Dalion herbarius parturientibus ex eo cataplasma inposuit cum apio, item vulvarum dolori deditque bibendum cum aneto parturientibus.* (Livro 20, parágrafo 191, linha 5)<sup>11</sup>

Dieuque<sup>12</sup> empregou também o suco [de anis]<sup>13</sup> para dores nas costas [i.e., lumbago] e usou a semente dele, moída com menta, para hidrópicos e doentes celíacos<sup>14</sup>. Evênor [empregou] sua raiz também, para [tratar] os rins. O herborista Dalião<sup>15</sup> usou para as parturientes um

---

<sup>11</sup> PLINIO SECONDO, 1982, v. III-b, p. 104.

<sup>12</sup> Dieuque: médico grego que teria vivido no século III a. C. e de cuja obra restam apenas fragmentos de um livro sobre dietas alimentares, embora Plínio o use como fonte e o cite muito (cf. PLINIO SECONDO, vol. III-b, nota 31.1, p. 23-25), o que permite deduzir que, no século I d. C., sua obra estava ainda íntegra e fosse conhecida dos romanos.

<sup>13</sup> Anis: “erva da família das umbelíferas (*Pimpinella anisum*), originária do Egito, a qual fornece a essência de anis, usada na fabricação de licores e xaropes” (cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio eletrônico, 2004).

<sup>14</sup> Celíaco: “pacientes que sofrem com doenças abdominais agudas” (cf. HOUAISS eletrônico, s.v, *celíaco*).

<sup>15</sup> Dalião: não se sabe nada deste autor além das menções em Plínio (cf. PLINIO SECONDO, 1982, v. III-b, nota 191.4, p. 105).

cataplasma<sup>16</sup> [feito] a partir de anis e aipo, bem como para [combater] dores genitais femininas, e também deu-o a beber com aneto<sup>17</sup> para as parturientes.

Nesse trecho, temos a menção a Dieuque, médico, e a Dalião, que, pelo que o texto revela, se tratava de um especialista em plantas, conhecedor também de suas propriedades medicinais, além de suas características morfológicas.

*Et discessu<ri> ab hortensiis unam compositionem ex his clarissimam subteximus adversus venenata animalia incisam in lapide versibus Coi in aede Aesculapi: serpylli duum denariorum pondus, opopanacis et m<e>i tantundem singulorum, trifolii seminis pondus denarii, anesi et feniculi seminis et ammi et apii denarium senum e singulis generibus, ervi farinae denarium XII.* (Livro 20, parágrafo 264, linha 6)<sup>18</sup>

E para terminar de falar sobre as hortaliças, acrescentamos uma receita famosíssima contra animais venenosos, esculpida em versos em uma pedra no templo de Esculápio<sup>19</sup> em Cós<sup>20</sup>: o equivalente ao peso de dois denários<sup>21</sup> de serpão<sup>22</sup>; o mesmo tanto de panaceia e de meo<sup>23</sup>; um denário de

---

<sup>16</sup> Cataplasma: “papa medicamentosa que se aplica, entre dois panos, a uma parte do corpo dorida ou inflamada” (cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio eletrônico, 2004).

<sup>17</sup> Aneto: “pequeno gênero de plantas herbáceas da família das umbelíferas, de folhagem recortada e pequenas flores amarelas (*Anethum graveolens*)” (cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio eletrônico, 2004).

<sup>18</sup> PLINIO SECONDO, 1982, v. III-b, p. 142.

<sup>19</sup> Esculápio: forma latina do nome grego Asclépios, filho de Apolo e deus da medicina (cf. *Esculápio*, em HARVEY, 1998, p. 209; *Asclépio*, em HARVEY, 1998, p. 62).

<sup>20</sup> Cós: nome de uma ilha grega que pertence ao arquipélago de Dodecaneso (cf. disponível em <<http://www.dicionarioinformal.com.br/c%C3%B3s/>>).

<sup>21</sup> Denário: “antiga moeda romana que valia dez asses, moedas de menor valor” (cf. *denário*, em FERREIRA, 1994/1995, p. 200).

<sup>22</sup> Serpão: “nome de várias plantas da família das labiadas (*Thymus serpyllum*, *T. caamae* e *T. angustijolius*)” (cf. *serpilho*, AULETE Eletrônico, Acesso em 27 fev. 2013).

<sup>23</sup> Meo: *Meum athamanticum*, conhecido como erva-doce alpina, típica das montanhas, sua raiz tem propriedades digestivas e calmantes (cf. PLINIO SECONDO, 1982, v. III-b, nota 253.1, p. 137).

semente de trevo; sementes de anis, funcho, ami<sup>24</sup> e salsa ao peso de seis denários de cada um; e doze denários de farinha de ervilhaça<sup>25</sup>.

Esse trecho mostra a força da tradição médica de então: a receita há pouco transcrita encontrava-se esculpida em uma pedra do templo de Esculápio, deus da medicina. O fato de estar escrito no templo do deus médico com certeza não é mero acaso: provavelmente, tal local contava com grande afluxo de pessoas, que buscavam a cura para os mais diversos males de saúde e, por isso, o registro de um método de combate ao veneno animal seria de extrema utilidade.

*Naporum duas differentias et in medicina Graeci servant. Angulosis foliorum caulibus, flore anet<i>, quod bunion vocant, purgationibus feminarum et vesicae et urinae utile decoctum, potum ex aqua mulsa vel suci drachma; semen dysintericis tostum tritumque in aqua<e> calidae cyathis quattuor.* (Livro 20, parágrafo 21, linha 2)<sup>26</sup>

Também para propósitos medicinais, os gregos fazem distinção entre dois [tipos de] nabo: o de folhas com caules angulosos, e de flor [como a] do aneto, a que chamam *búnion*,<sup>27</sup> bom para a purificação das mulheres [i. e., p/ a menstruação], para a bexiga e para a urina, se, depois de cozido, for bebido com água e vinho doce [i.e., hidromel] ou com uma dracma<sup>28</sup> de seu

---

<sup>24</sup> Ami: “é encontrada na Itália, nos terrenos áridos. Pertencente à família das Umbelíferas, possui uma raiz lenhosa, caule cespitoso. Pode chegar à altura de 1,5 m. Seus ramos são finos e cilíndricos e as folhas franjadas. As flores são esbranquiçadas e amarelas e os frutos contêm várias sementes. Essa planta possui várias utilidades terapêuticas, sendo indicada, principalmente, para problemas digestivos e favorecimento da secreção láctea e menstruações” (cf. disponível em <<http://www.comofazer.org/saude/plantas-medicinais/ami-ammimajus/>>).

<sup>25</sup> Ervilhaça: “erva anual ou bianual (*Vicia sativa*), de flores purpúreas, azuladas ou raramente brancas, e vagens eretas, achatadas, nativa da Europa e us. como forragem e adubo verde” (cf. *ervilhaca*, Houaiss Eletrônico).

<sup>26</sup> PLINIO SECONDO, 1982, v. III-b, p. 16.18.

<sup>27</sup> Búnion: não é exatamente um nabo, mas sim uma planta umbelífera que contém tubérculos (cf. HOUAISS eletrônico, s.m, *búnio*).

<sup>28</sup> Dracma: “moeda e peso da Grécia antiga” (cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio eletrônico, 2004).

(próprio) suco; sua semente, torrada e triturada em 4 ciatos<sup>29</sup> de água quente, [é boa] para as [crises de] disenteria.

Esse trecho é útil para verificar que Plínio amparava-se nas tradições medicinais herdadas dos gregos, decerto por influência do helenismo que grassava em Roma desde o século anterior. Trechos como esse são frequentes na *Naturalis historia*, o que mostra o quanto a cultura médica grega estava presente em Roma.

A tradição do uso medicinal de produtos naturais traz diversos métodos relacionados à menstruação, seja para provocá-la, seja para suspendê-la; para estimular a concepção; para curar problemas intestinais; para aliviar cólicas renais e estimular a eliminação de cálculos; para neutralizar o efeito de diversos tipos de veneno, tanto de origem animal quanto vegetal; para dar um aspecto mais saudável ao rosto; para cuidar da garganta e do trato vocal; para fazer cessar convulsões; para tratar inflamações dos testículos; para interromper a secreção de catarros, entre diversas outras finalidades.

As passagens a seguir trazem aspectos interessantes sobre os métodos medicinais da Roma do século I d. C.:

*Alvum emollit silurus e iure et torpedo in cibo et olus marinum simile sativo – stomacho inimicum alvum facillime purgat, sed propter acrimoniam cum pingui carne coquitur – et omnium piscium ius. Idem et urinas ciet, e vino maxime. Optimum e scorpionibus et iulide et saxatilibus nec virus resipientibus nec pinguibus. Coci debent cum aneto, apio, coriandro, porro, additis oleo, sale.* (Livro 32, parágrafo 94, linha 7)<sup>30</sup>

Soltam o intestino a sopa de bagre, o torpedo<sup>31</sup>, consumido como alimento, o repolho marinho<sup>32</sup>, similar àquele semeado – limpa facilmente o

---

<sup>29</sup> Ciato: “vaso antigo, com asa, com o qual se tirava o vinho da cratera para ser servido aos convivas” (OBIOL, s/d, p. 185).

<sup>30</sup> PLÍNIO SECONDO, 1982, v. IV, p. 588.

<sup>31</sup> Torpedo: “gênero de peixes elasmobrânquios, torpedinídeos, que habitam os mares quentes, com distribuição cosmopolita. Têm cauda curta, terminando em uma nadadeira raiada, e um par de órgãos elétricos formados por um par de músculos peitorais modificados” (cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio eletrônico, 2004).

intestino, mas é hostil para o estômago, e é cozido com carne gordurosa por causa de seu amargor – como também o caldo de todos os peixes, que é diurético, especialmente com vinho. O melhor é o de escorpiões, de *iulis*<sup>33</sup> e dos [peixes] de pedras, que não têm sabor ruim, nem gordura. Devem ser cozidos com aneto, aipo, coentro, alho-poró, com acréscimo de azeite e sal.

Neste excerto temos exemplificado um tratamento feito não a partir de plantas, mas sim a partir de produtos de origem animal. Aqui tem-se um exemplo de receita para tratar problemas intestinais. O trecho é ainda interessante por trazer também os possíveis efeitos colaterais do tratamento descrito e os melhores métodos para preparar o medicamento.

*Viperam vivam in fictili novo comburere addito feniculi suco ad cyathum unum et turis ma<n>na una atque ita suffusiones oculorum et caligines inunguere utilissimum est; medicamentum id echeon vocatur.* (Livro 29, Parágrafo 119, linha 4)<sup>34</sup>

Recomenda-se vivamente queimar uma serpente viva em um vaso de barro novo, de barro, adicionando até um ciato de suco de funcho e um floco de incenso e, assim, banhar as cataratas dos olhos e seus ofuscamentos; esse medicamento é chamado “*echeon*”<sup>35</sup>.

O que é interessante notar nessa passagem é a atribuição de um nome de origem grega ao medicamento, obtido a partir da fervura de uma serpente viva com suco de funcho e um floco de incenso. Mais um medicamento obtido a partir de um animal é relatado aqui.

---

<sup>32</sup> Repolho marinho: *Convolvulus soldanella*, comumente conhecida como Soldanella (cf. PLINIO SECONDO, 1982, v. IV, nota 80.1, p. 333).

<sup>33</sup> *Iulis*: espécie de bodião, designação comum aos peixes teleósteos, faringógnatos, escaurídeos, especialmente os dos gêneros *Scarus* e *Cryptotomus*, de escamas grandes e redondas, colorido vivo, e variegado, dentes fundidos uns nos outros, formando dentadura inteira e muito forte. Vivem junto às pedras e recifes, e alimentam-se de algas e moluscos; a carne é considerada venenosa (cf. PLINIO SECONDO, 1982, v. IV, nota 94.2, p. 589; FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio eletrônico, 2004, ver *bodião*).

<sup>34</sup> PLINIO SECONDO, 1982, v. IV, p. 370.

<sup>35</sup> *Echeon*: transcrição do grego *écheon*, genitivo plural de *echis*, que significa “serpente” (cf. PLINIO SECONDO, 1982, v. IV, nota 119.5, p. 371).



Pode até parecer chocante pensar que uma serpente poderia ser usada para tratar problemas oculares, mas essa pode ter sido uma prática bem comum e difundida.

*Ibi et frutex pestilens... raphani, folio lauri, odore equos invitans, qui paene equitatu orbavit Alexandrum primo introitu.* (Livro 12, parágrafo 33, linha 3)<sup>36</sup>

Lá [na Índia], há também um arbusto venenoso, semelhante ao do rabanete<sup>37</sup>, com folhas como as do louro, com cheiro convidativo aos cavalos, que quase privou Alexandre de sua cavalaria em sua primeira invasão.

Um pouco diferente dos outros trechos aqui transcritos, esse mostra um uso diferente de um produto vegetal; um uso não médico, mas de utilidade pública. O arbusto a que o autor se refere, não nomeado, mas comparado a outras plantas, é conhecido por ter um odor que atrai os cavalos. Tal conhecimento mostrou-se útil em épocas de guerra, por exemplo, quando da invasão de Alexandre: a planta acima referida atraiu a cavalaria do general macedônio, até que o conquistador quase a perdeu, em função das propriedades venenosas dessa planta.

*(...) sterilitatem mulierum emendari oculo cum glyc<yr>r<h>iza et aneto sumpto in cibo, promisso intra triduum conceptu.* (Livro 28, parágrafo 97, linha 8)<sup>38</sup>

[...] a esterilidade feminina poderia ser curada com um olho [de hiena] com aneto e alcaçuz<sup>39</sup> e consumido junto com a comida, obtendo uma concepção garantida dentro de três dias.

---

<sup>36</sup> PLINIO SECONDO, 1982, v. III-a, p. 24.

<sup>37</sup> O texto é lacunoso. Esta é a integração mais provável (cf. PLINIO SECONDO, 1982, v. III-a, p. 25, nota 33.4).

<sup>38</sup> PLINIO SECONDO, 1982, v. IV, p. 100.

Temos aqui uma receita para curar a esterilidade feminina: segundo o relato de Plínio, bastaria agregar às refeições um olho de hiena misturado a aneto e alcaçuz. Contudo, não se sabe a verdadeira causa ou o tipo de esterilidade a que o autor se refere no texto. Não se pode simplesmente generalizar o tratamento para todos os casos de dificuldade em conceber, ainda que, de fato,

*Cicuta quoque venenum est, publica Atheniensium poena invis, ad multa tamen usus non omittendi. Semen habet noxium; caulis autem et viridis estur a plerisque et in patinis. Levis hic et geniculatus ut calami, nigricans, altior saepe binis cubitis, in cacuminibus ramosus, folia coriandri teneriora, gravi<a> odoratu, semen aneso crassius, radix concava, nullius usus.* (Livro 25, parágrafo 151, linha 6)<sup>40</sup>

A cicuta, detestada pena capital pública dos atenienses, também é um veneno, todavia não se deve negligenciar seus empregos para vários [propósitos]. Tem semente nociva; mas o caule às vezes é comido por muitos, ora cru ora cozido. Ele é liso e nodoso como o junco, escuro, frequentemente mais alto do que dois cúbitos, ramoso nos topos, com folhas como as do coentro, só que mais tenras e de cheiro forte; sua semente é mais cheia que a do anis; a raiz é oca e inútil.

Mais uma vez, tem-se um exemplo das propriedades das plantas: a cicuta ficou famosa por ter sido a causa da morte de Sócrates, mas tinha também utilidades positivas, apesar de ser considerada um veneno. A despeito de haver, no texto, uma referência a seu

---

<sup>39</sup> Alcaçuz: “arbusto da família das leguminosas (*Glycyrrhiza glabra*) cuja raiz, doce, é medicinal” (cf. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio eletrônico, 2004).

<sup>40</sup> PLINIO SECONDO, 1982, v. III-b, p. 704.

uso como pena de morte na Grécia, Plínio vem mostrar que apenas parte dela é nociva, a semente, de modo que o resto de sua estrutura poderia até ser usada como alimento.

*Folia infantium destillationibus, quod siriasim vocant, inlita medentur, item contractionibus, etiam si id comitialiter accidat. Decocto quoque foveri os saluberrimum est. Potum id pellit taenias et renium harenas. Si cuminum adiciatur, calculos frangit.* (Livro 22, parágrafo 59, linha 10)<sup>41</sup>

As folhas [da variedade mais alta do girassol, *Heliotropium maius*], em compressa, medicam os catarros infantis, a que [os gregos] chamam *siriase*<sup>42</sup>, e também as convulsões, mesmo que de natureza epilética. Também é saudabilíssimo tratar a boca com [essa planta] fervida<sup>43</sup>. Bebida, ela erradica vermes e grânulos dos rins. Se o cominho [lhe] é adicionado, [também] quebra cálculos [renais].

Esse último exemplo mostra que já eram conhecidas as cólicas de origem renal, causadas pela formação de cálculos nos ureteres. Já se tinha conhecimento, no século I d. C., da formação dos pequenos cálculos que poderiam obstruir o canal urinário e causar dores e males. Mais notável ainda é o conhecimento de quais plantas poderiam quebrar tais cálculos e aliviar seus efeitos. A passagem mostra ainda que já se tinha conhecimento também do que pode ser hoje popularmente conhecido, em algumas regiões, como areia nos rins, o que se pode deduzir da menção aos “grânulos dos rins”. Outro ponto a destacar na passagem é que já se sabia que certo tipo de convulsão tinha origem em um mal específico, conhecido até hoje como epilepsia (no texto, advérbio *comitialiter*, que significa “de origem epilética”).

---

<sup>41</sup> PLINIO SECONDO, 1982, v. III-b, p. 294.

<sup>42</sup> Siriase: a palavra *siriasis* vem do grego *seiríasis*, que, por vez, vem do adjetivo *seírios*, “ardente”, e deve, por isso, designar um estado inflamatório causado por um calor excessivo, ou seja, um tipo de insolação (cf. PLINIO SECONDO, 1982, v. III-b, nota 59.2, p. 295).

<sup>43</sup> Provavelmente, trata-se um bochecho feito com água fervida com girassol.

Observando-se os exemplos aqui transcritos, vê-se que o conhecimento de medicina e das propriedades medicinais, tanto de produtos de origem animal quanto vegetal, era bem mais extenso do que talvez se pudesse imaginar. Os trechos recolhidos neste artigo constituem apenas recortes de uma pesquisa mais ampla, que busca conceituar e melhor compreender as plantas que eram utilizadas na culinária, mas que permitiu saber também um pouco das noções de medicina já conhecidas naquela época. Mesmo com tecnologia limitada, mesmo sem dominar a eletricidade, já se conheciam diversas doenças que afligem os homens até os dias de hoje; seus nomes são utilizados até os dias de hoje, justamente derivados do latim. Sobretudo porque eram naturais, não é sem interesse a recolha de tais métodos antigos para combater doenças, e, ainda que talvez careçam de comprovação científica, seu exame em tempos modernos poderá, quem sabe, revelar certa eficiência, mesmo que não contem com a complexidade técnica dos métodos médicos recomendados pela medicina atual.

#### Something about the medicine on *Naturalis historia*, from Pliny the old

ABSTRACT: this text has the objective to present some of the medicine knowledge already known by Pliny's time, based on the scientific research, which title is: *Latin classic culture topics: confluences between De Re Coquinaria, from Apicius, and Naturalis Historia, from Pliny*. This research is base don the corpus of 37 books from *Naturalis historia*, from Pliny, the old, from which are translated extracts in accordance with an especified vocabulary, present on Apicius' culinary writings.

Key words: Latin Culture; Lexicon; Referent; Latin Antiquity; *Naturalis Historia (NH)*.

#### Referências

FARIA, Ernesto. Dicionário escolar latino-português. 6a. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

HARVEY, P. Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

OBIOL, Salvador (org.). *Moderno Dicionário Enciclopédico Brasileiro*. Curitiba: Editora Educacional Brasileira, s/d. 877 p.

PLINIO SECONDO, Gaio. *Storia Naturale* (5 tomos em 6 vv.). Trad. Gian Biagio Conte (org.) et al. Torino (Itália): Giulio Einaudi, 1982.

PLINIUS Secundus, Caius. *Naturalis Historia uel C. Plini Secundi Naturalis Historiae Libri XXXVII* (5 vv.). Ed. C. Mayhoff, 1892-1909. In: PHI 5.3. 56 LATIN TEXTS AND BIBLE VERSIONS. The Packard Humanities Institute, 1991. CD-ROM.

### Fontes

Ami: *Ammi majus*. Disponível em <<http://www.comofazer.org/saude/plantas-medicinais/ami-ammimajus/>> Acesso em 27 fev. 2013.

AULETE, Caldas. *iDicionário Aulete*. Disponível em <<http://aulete.uol.com.br/index.php>>.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico: século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lexicon Informática, 2004.

Hidropsia. Disponível em <<http://www.tuasaude.com/hidropsia-retencao-hidrica/>> Acesso em 26 fev. 2013.

Serpão. Disponível em <<http://www.tuasaude.com/serpao/>> Acesso em 7 ago. 2013.

Data de envio: 22 de outubro de 2013.

Data de aprovação: 15 de fevereiro de 2014.

Data de publicação: 2 de abril de 2014.